

MÁSCARAS SOCIAIS

Na folia da vida, seja você por um dia

As diferentes formas de convívio em sociedade são modos de adaptação necessários para o psiquismo, desde que a máscara não tome conta de você!

NÉLSON GONÇALVES

O ser humano é um animal! E como tal, no processo civilizatório, assume condutas de convívio que o distanciam de seus instintos mais primitivos. Assim, assumir máscaras sociais para desempenhar os diferentes papéis – os impostos pelos códigos de vivência e os assimilados em razão da formação intelectual, de formação e educação familiar e de livre arbítrio de cada um – é uma necessidade para a sobrevivência. Assim, não há problema algum em assumirmos máscaras sociais. A questão é quando elas nos assumem.

O que os especialistas do campo da psicologia ponderam é que a proposta de civilizar o animal humano para as adaptações aos convívios sociais tem suas armadilhas. E mergulhar no psiquismo, no “Eu livre”, é uma tarefa árdua. Até porque, todos nós, em algum grau, temos dificuldades em encarar o espelho.

No conto “O espelho”, Machado de Assis descreve um personagem identificado com a ‘Persona’ tratada pelo médico e psicanalista Carl

Jung. O personagem é um alferes que tinha orgulho de sua farda. Quando ia para a fazenda e trocava a farda por um pijama, ele notava que sua imagem no espelho desaparecia.

Então, desesperado, ele vestia a farda novamente. De volta ao espelho, percebia que lá estava sua imagem. Na visão junguiana, isso acontece quando se confunde a individualidade com um papel social. O indivíduo passa a se identificar com a ‘Persona’, se esquecendo de seu verdadeiro “Eu”.

A questão tratada por Machado de Assis - da literatura para a psicologia - é que, ao incorporar a máscara social, o ser se sente forte, mas não se humaniza. Mas, afinal, quais são e para que servem nossas máscaras sociais? E, oportunamente se valendo da euforia da folia carnavalesca, por qual razão assumimos diferentes “máscaras” no comportamento em casa, no trabalho ou outro ambiente coletivo?

Para a psicóloga e coordenadora do curso de psicologia da Universidade Sagrado Coração (USC), Regina Paganini Furigo, a discussão junguiana “é de que o ser hu-



mano tem a proposta de se civilizar, mas somos animais. Então surge a necessidade de adaptar a carga instintiva com o convívio comunitário. Não é tarefa fácil para o psiquismo. É o que Jung denomina de ‘Persona’. A gente usa diferentes tipos de máscaras para os papéis que temos de representar. São adaptações para os diferentes convívios sociais”, avalia.

Assim, Furigo aborda que o uso das máscaras é um

instrumento legítimo do psiquismo. “O problema é você se identificar com os papéis que você representa, como o ator”, posiciona. A psicóloga menciona, para exercício de reflexão, uma afirmação em entrevista do ator global Paulo Betti ao falar de sua dificuldade em eliminar os traços que adotou para representar o homossexual e colunista-jornalista Téo Pereira na atual novela “Império”.

“O ator fala que se vê repe-

tindo os traços do personagem, com caretas e movimentos dos braços como na novela. Por isso é importante pontuar que usamos sim máscaras, como nas representações, para nossos papéis sociais. É um instrumento a serviço da adaptação. A dificuldade é assumir o que somos e passarmos a usar máscaras em excesso”, ressalva a psicóloga.

Regina Furigo posiciona que “as pessoas prestem mais atenção ao seu interior, ao in-

OS PAPÉIS SOCIAIS

São impostos por códigos de convivência nessa ‘marchinha diária da vida’

Psicologia alerta que não há necessidade de manter as máscaras sobre você o tempo todo

vés de ficarem tão conectadas ao mundo externo. Se conhecer é essencial”, sintetiza.

No Carnaval, por sinal, a psicóloga junguiana sugere seu enredo de comportamento: “que você deixe sim essa máscara um pouco de lado, até pelo movimento socialmente aceito de extravasar em alegria, emoções e sem máscaras. Não há necessidade, aliás, de manter as máscaras sobre você o tempo todo na vida”, finaliza.



A psicóloga Regina Furigo lembra que as máscaras sociais são necessárias, mas não podem assumir o papel do autor: você

Por que e como usar as nossas várias máscaras?

O ansioso, o depressivo e muitos outros não são assim o tempo todo; o palhaço também chora; o empresário também precisa de sossego; o general também precisa da colaboração subalterna ou de seus pares. As crianças não são só simpáticas ou opositivas. Enfim, é preciso saber diferenciar quando uma máscara é saudavelmente necessária.

A reflexão é do psicólogo especializado em terapia cognitivo-comportamental Arnaldo Vicente. “Descobrimos que nosso modo de ser afeta a outra pessoa, assim como somos afetados por elas; ora como parceiros e ora como não parceiros na realização de nossos objetivos, sonhos ou metas. Quanto mais importantes são nossas metas, mais valorizamos a participação das pessoas em nossas vidas”, observa.

Para desempenhar esse papel, conta Vicente, entramos em contato com o modo de ser das pessoas e percebemos o que aceitam e o que rejeitam. E descobrimos que, assim como determinamos nossas atitudes delas, também determinam as delas. Ou seja, posso querer participar da vida delas, mas



Terapeuta Arnaldo Vicente: “Neste Carnaval, vista-se de você mesmo por cima da fantasia e tenha uma boa folia”

preciso de sua autorização, e vice-versa. “Inicia-se então uma série de questionamentos sobre como eu sou e o que aceitariam receber de mim; como elas são e o que gostariam de oferecer a mim? São questões que no contexto social nem sempre são abertamente questionadas e nem claramente respondidas”, indaga o terapeuta.

Assim, o entusiasmo e a esperança aproximam os seres humanos. “Mas o seu medo e sua ansiedade os afastam de se conhecerem como realmente são, levando-os a gerar inferências e respostas antecipadas

sem consistência lógica, ou seja, recheadas de distorções cognitivas. Estas distorções ou erros cognitivos podem construir a ideia de que tenho um ‘Eu Frágil’ devido a uma personalidade insegura que precisa ser constantemente protegida, dando início à necessidade de construir e utilizar as máscaras sociais”, prossegue.

Desse modo, acreditamos, em geral, que nossas necessidades precisam ser correspondidas. “Por exemplo, se não me alimento em alguns momentos do dia comendo certa quantidade de alimentos sau-

dáveis posso adoecer, mas não é verdade, simplesmente, que preciso comer e pronto. Assim como também é questionável que, para eu ser aceito por outras pessoas, eu deva agradá-las o tempo todo”.

Da mesma forma, a máscara, ou “Persona”, novamente em referência a Carl Jung, é o modo como nos comportamos em contato com o mundo exterior, reforça o terapeuta. “As máscaras são necessárias para a nossa adaptação frente às exigências do meio social que vivemos. É o caráter que assumimos e através dela nos relacionamos com os outros”.

Por isto, ela inclui os papéis sociais, as roupas e até o estilo de expressão. Arnaldo Vicente lembra, porém, que possui dois aspectos. “O positivo está associado à possibilidade de adaptação do sujeito ao seu meio social. O negativo surge quando o ‘Eu’ se identifica com a máscara, fazendo com que a pessoa se distancie de sua real personalidade”.

A questão é que, no papel “negativo”, a pessoa ultrapassa seus limites e torna-se invasivo e inadequado socialmente. Ou seja, querendo atender e aproximar-se ao social, distancia-se cada vez mais. Vicente se vale de exemplos citando a forma como vemos pessoas famosas para abordar o tema.

“São pessoas que desenvolvem com sucesso funções profissionais num determinado contexto e ficam rotuladas. Pelé sempre será o rei do futebol, Roberto Carlos é o rei da música, Xuxa a rainha dos baixinhos e assim por diante. Isto é positivo, e inegável, em seus contextos, mas pode tornar-se um rótulo, uma máscara social inadequada quando o sujeito ou a sociedade não reconhece que ninguém pode ou consegue saudavelmente usar uma máscara desempenhando o mesmo papel o tempo todo”.

PAYAKAN
PETISCARIA

ALMOÇO ESPECIAL DE DOMINGO

Rabada com Polenta
Costelinha de Porco
Linguíça Caipira
Salmão com Alcaparras
Isclas de Tilápia
Costela de Pacu
Sashimi de Tilápia
Sushis Diversos
Yakissoba
Yakimeshi e outras delícias.

ABERTO DE QUARTA A SÁBADO DAS 18HS ÀS 00H; E DOMINGO ABERTO PARA ALMOÇO

Rua Alto Acre 3-10 Bela Vista
3021-3990/-99715-5570

VG
Assessoria em Cursos Odontológicos

SELEÇÃO DE PACIENTES PARA TRATAMENTO ODONTOLÓGICO

- IMPLANTE
- LENTES DE CONTATO
- ESTÉTICA
- PERIODONTIA
- PRÓTESE
- ORTODONTIA

ENTRE OUTROS TRATAMENTOS.

Interessados comparecer dia 18/02 das 14h às 17h

R. Marcos Augusto Genovez Serra, 2-70 (atrás do Bauru Shopping)
F: (14) 3227-8441 / 99642-0925 / 99646-5857 / 99102-0772
e-mail: atendimentovg@hotmail.com

Escritório: Praça. D. Pedro II, 4-74 (14) 3223-8011
Centro Velatório: R. Gerson França, 5-55 (14) 3234-3428

CENTRO VELATÓRIO TERRA BRANCA

Falecimento

Família comunica falecimento de:

Lourdes Rosetto de Camargo

Ocorrido dia 14, aos 92 anos, às 17h20. Deixa viúvo o sr. Waldemar Pires de Camargo. Deixa os filhos Jadson Antonio, Sheila Márcia e Lucimar. Deixa ainda genro, nora, netos e bisnetos. O sepultamento será em 15/02, às 14h, saindo seu féretro do Centro Velatório, Sala 5, para o Cemitério Jardim do Ypê de Bauru.